



L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS

Unicuique suum Non praevalerunt

Ano XLVIII, número 32-33 (2.477)

Cidade do Vaticano

quinta-feira 10-17 de agosto de 2017

Durante o Angelus o Santo Padre exortou a seguir as pegadas dos discípulos

Com olhos e coração transfigurados



Uma exortação a seguir as pegadas dos discípulos que subiram com Jesus ao monte Tabor e voltaram «com os olhos e o coração transfigurados pelo encontro com o Senhor» foi dirigida pelo Papa aos fiéis presentes na praça de São Pedro durante o Angelus de 6 de agosto, festa da Transfiguração. Comentando como de costume o Evangelho dominical, Francisco descreveu o evento do qual foram testemunhas os apóstolos Pedro, Tiago e João, como «uma mensagem de esperança» que «convida a encontrar Jesus, para se pôr ao serviço dos irmãos». A propósito, convidou a «descer do monte» «para testemunhar a caridade», especialmente em relação a quantos sofrem ou vivem «na solidão e no abandono», os doentes e os homens e as mulheres «humilhados pela injustiça, pela prepotência e pela violência». Por fim, o Papa falou sobre as férias de verão, recordando quantos não as podem gozar «impedidos pela idade, por motivos de saúde ou de trabalho, por dificuldades económicas ou por outros problemas». Na mesma manhã o Papa desceu às Grutas vaticanas e recolheu-se em oração diante do túmulo do seu predecessor. Anteriormente, a missa em sufrágio pelo Pontífice de Brescia foi presidida por Dom Marcello Semeraro.

PÁGINAS 6 E 7

Na solenidade da Assunção o centenário do nascimento de Óscar Romero

GIOVANNI MARIA VIAN

No dia de Nossa Senhora da Assunção comemora-se o centenário do nascimento de um dos cristãos mais conhecidos do nosso tempo, Óscar Romero. O arcebispo de San Salvador foi assassinado em 1980, aos sessenta e três anos, enquanto celebrava a missa, por ter denunciado a injustiça e a violência que flagelavam o pequeno país da América Central: tomadas de posição claras em nome do Evangelho. Em 1983, diante do seu túmulo, rezou João Paulo II, o qual em 1997 autorizou a abertura da causa de canonização, mas esta só foi retomada em 2012, por decisão de Bento XVI e depois de Francisco, até chegar à beatificação como mártir em 2015.

Mas para Romero foi importante sobretudo Paulo VI, o Papa que o nomeou em 1970 auxiliar de San Salvador, em 1974 bispo de Santa Maria e em 1977 arcebispo da capital. O jovem clérigo tinha estado em Roma, onde estudara na Gregoriana entre finais dos anos trinta e início dos anos quarenta, já em plena guerra. E precisamente esta formação romana, que lhe confere um caráter tradicional, permitir-lhe-á seguir vinte anos mais tarde a estação conciliar confiante no magistério. E é precisamente a visão aberta do Papa Montini, o qual guia com coragem e sabedoria o Vaticano II, que o sacerdote salvadoreño começa a aceitar.

Faleceu o cardeal
Dionigi Tettamanzi

PÁGINA 10

Um bispo e um Papa

Num artigo publicado no início de 1965 Romero escreveu: «Para não cair no ridículo de uma crítica afeição ao velho e para não cair no ridículo de se fazer aventureiro de “sonhos artificiosos” de novidade, é melhor viver hoje como nunca aquele clássico axioma “sentir com a Igreja” que significa concretamente o apego à hierarquia». E precisamente a expressão *Sentir con la Iglesia*, de matriz inciana, será escolhida cinco anos mais tarde pelo novo auxiliar de San Salvador como seu lema episcopal.

Bispo num país cruelmente oprimido pelas oligarquias e pelos militares, preocupado com as tendências políticas que se manifestam na teolo-

gia da libertação, chega progressivamente a partilhar o conceito da centralidade dos pobres, que em 1968 fora reafirmado pela conferência de Medellín, na qual participou Paulo VI, primeiro Papa a pisar o solo da América Latina. E precisamente um documento de Montini, a *Evangelii nuntiandi*, várias vezes recordado com admiração pelo seu atual sucessor, encoraja Dom Romero. Que pela sua posição moderada é escolhido como arcebispo de San Salvador, quando a situação se torna cada vez mais difícil e a violência repressiva aumenta.

De facto, a primeira homilia do arcebispo é dedicada a um amigo fraterno, o jesuíta Rutilio Grande,

assassinado pelos esquadrões da morte juntamente com dois fiéis, Manuel Solórzano e Nelson Rutilio Lemus, enquanto ia celebrar a novena de São José, quase uma antecipação da própria morte: «A Igreja ama assim, morre com eles e com eles se apresenta à transcendência do céu. Ama-os, e é significativo que tenha acontecido quando caminhava rumo ao seu povo para levar a mensagem da missa e da salvação que o Padre Rutilio Grande foi privado de balas. Um sacerdote com os seus camponeses, no caminho do seu povo para se identificar com ele, para viver com ele não uma inspiração revolucionária, mas uma inspiração de amor».

Poucos dias depois Romero viaja para Roma a fim de procurar o apoio que o nuncio deixou de lhe dar, e o Papa recebe-o imediatamente, como tinha acontecido três anos antes, e como acontecerá um ano mais tarde, precisamente no aniversário da eleição de Montini. A recordação pormenorizada desta última audiência encontra-se no diário do arcebispo: «Paulo VI apertou-me a mão direita e segurou-a por longo tempo entre as suas duas mãos e também eu apertei com as minhas duas mãos a mão do Papa», que falou prolongadamente com ele: «Compreendo o seu trabalho difícil. É um trabalho que pode não ser compreendido e precisa de muita paciência e fortaleza. Sei bem que nem todos pensam como o senhor; é difícil, nas circunstâncias do seu país, ter essa unanimidade de pensamento; mas vá em frente com coragem, com paciência, com força, com esperança». Depois de um mês e meio Montini faleceu. Menos de dois anos mais tarde Romero foi assassinado.

O folhetim de novo nas páginas de L'Osservatore Romano Mais de um século de novelas cristãs



Irmão Francisco irmã Clara. Voltou o folhetim às páginas de L'Osservatore Romano. A partir da edição em italiano de 7-8 de agosto, cada dia a escritora Barbara Alberti narra a aventura dos dois jovens de Assis. Uma história de cavaleiros e damas, batalhas e intrigas. Com uma raposa, companheira de jogos da pequena Clara. Um romance em série, que retoma uma antiga tradição do diário da Santa Sé. Folhear os numerosos *feuilletons* publicados por L'Osservatore Romano no século XIX reserva não poucas surpresas.

SILVIA GUIDI NA PÁGINA 4

Mensagem vídeo para o Apostolado da oração

Entre arte e natureza

Redescobrir, no verão, a beleza da arte e da natureza vivendo uma verdadeira experiência de oração e de fé: eis a proposta que Francisco quis sugerir com o vídeo da intenção para o mês de agosto, difundido pela Rede mundial de oração do Papa (www.popes-prayer.net).

«As artes expressam a beleza da fé e proclamam a mensagem da grandeza da criação de Deus» afirma o Pontífice na mensagem. «Por isso – prossegue Francisco – quando admiramos uma obra de arte ou uma maravilha da natureza descobrimos que tudo nos fala d'Ele e do seu amor».

É assim, enquanto ouvimos as palavras do Papa em espanhol (com a tradução em oito línguas), o vídeo propõe a harmonia perfeita entre os sons da natureza e as notas de um violino, de uma guitarra e de um saxofone tocados por jovens músicos.

Depois as imagens que acompanham as palavras do Pontífice na mensagem vídeo alar-gam-se ao mundo inteiro mostrando os artistas do nosso tempo (bailarinos, escritores, pintores e músicos) representantes de diversas culturas, raças e religiões.

Portanto são os artistas o pensamento sugerido pelo Papa, verdadeiros guardas e comunicadores daquela beleza que pode até curar as feridas da alma humana, levando esperança e confiança às pessoas que vivem momentos de dificuldade. Por conseguinte, dirige-se precisamente a eles a oração para o mês de agosto, «para que – são os votos de Francisco – através das obras do seu engenho, ajudem todos a descobrir a beleza da criação». O vídeo, assim como os anteriores, foi preparado pela agência La Machi, que se ocupa da produção e da distribuição, em colaboração com o Centro televisivo do Vaticano, que o gravou.



Marc Chagall, «O violonista azul» (1947)

A ecologia da rede segundo o Papa

Uma sociedade de conectados e solitários

MAURIZIO FONTANA

Quantas vezes ouvimos os pais dizer que os seus filhos parecem não tanto possuir um smartphone, mas ter quase uma prótese incorporada na mão, e no entanto depois damos-nos conta de que aqueles mesmos pais se sentem perdidos, quando por acaso deixam o telemóvel em casa. Também a eles a ansiedade de não serem contactáveis sempre e em toda a parte causa verdadeiros ataques de pânico. E levante a mão quem, enquanto digitava num motor de pesquisa ou consultava a própria página de Facebook, ou simplesmente o correio eletrónico, não teve pelo menos uma vez um sobressalto ao ver a publicidade exatamente daquele produto procurado alguns dias antes, ou dos hotéis de uma cidade há pouco visitada. Todos se sentem impressionados diante da consciente mas de certo modo inquietante sensação de estar continuamente registados, controlados, em síntese, condicionados.

Vivemos numa sociedade que nos vê inevitavelmente conectados de forma contínua, queremos que o mundo passe diante dos nossos olhos sempre ao vivo, enquanto os instrumentos tecnológicos ao alcance de todos já fazem parte do nosso equipamento diário, a ponto que lhe confiamos contactos, encontros e até mesmo amizades. Mas com tudo isto nós experimentamos também «a gradual diminuição da conversa cara a cara». Estamos cada vez mais interligados, e contudo sempre mais solitários? É a questão enfrentada por monsenhor Dario Edoardo Viganò, prefeito da Secretaria para a comunicação, num pequeno livro (*Connessi*

e solitari. Di cosa ci priva la vita online, Edb, Bologna, 2017, 71 páginas), dedicado precisamente às dinâmicas atuais da comunicação, à presença dos meios de comunicação na vivência social e às suas consequências.

O facto é – escreve monsenhor Dario Edoardo Viganò, contextualizando e resumindo o problema, que se encontra no centro dos debates atuais entre sociólogos – que «os mass media conquistaram a nossa existência quotidiana, cadenciam os seus ritmos e, de certa maneira, tornaram-se a sua arquitetura principal e a sua categoria hermenéutica: constituem os guardiões das chaves e do nosso tempo. Sem dúvida, a sua presença põe à nossa disposição funções e oportunidades impensáveis até há poucos anos, não obstante o preço a pagar seja uma modificação substancial dos lineamentos

do nosso perfil, um custo deveras elevado em termos de humanidade».

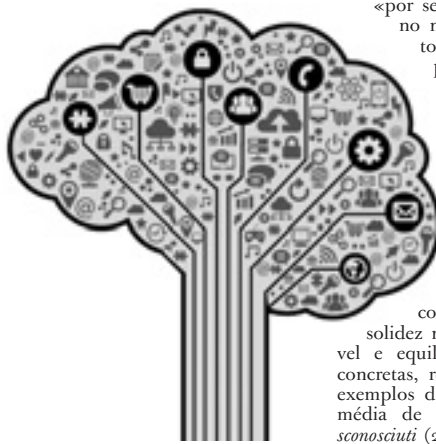
Estudioso de história do cinema, que soube apaixonar-se pela evolução mediática mais recente, o prefeito da Secretaria para a comunicação resume as atitudes do *homo digitalis* para relevar alguns dos seus pontos mais críticos. O prelado escreve que «todos nós estamos sob controle, através de práticas de vigilância às quais deixamos de prestar atenção», mas imediatamente depois acrescenta que se «outora temíamos ser observados, e vivíamos tal situação como uma espécie de pesadelo, hoje, ao contrário, desejamos ser observados, porque temos medo de ser abandonados, ignorados, excluídos». Em síntese, aquilo que se perfila é um autêntico risco, no qual por um lado aspiramos à visibilidade na rede e, por outro, descuidamos os relacionamentos reais. Assim, os meios de comunicação social e a rede acabam «por ser muitas vezes um terreno no qual emergem os sintomas daquela “cultura do provisório” de que fala o Papa Francisco».

É precisamente os ensinamentos do Pontífice sobressaem das páginas do pequeno volume, como uma espécie de antídoto contra os venenos de uma vida que parece passar-se cada vez mais online e que, ao contrário, pode encontrar solidez numa combinação saudável e equilibrada com as relações concretas, reais. Podemos tirar dois exemplos do cinema: da bonita comédia de Paolo Genovese *Perfetti sconosciuti* (2016), «narração irónica e

mordaz sobre a presença-ingerência do telemóvel nas relações afetivas», e depois da “amarga ironia” do filme *Her*, de Spike Jonze (2013), onde «a tecnologia se torna a nossa principal, se não única, relação social». O autor comenta: «Não devemos deixarmos seduzir pela ideia de uma vida solitária, de podermos viver sem o outro».

E no entanto aumenta cada vez mais a influência das relações virtuais. Entre as pessoas, mas também no mundo dos negócios. Aliás, escreve Dario Edoardo Viganò, «a comunicação, entendida como relação humana», e a própria economia «misturam-se cada vez mais», num contexto dominado por razões utilitárias. E para evitar a selva de interesses e um sistema social que, como denuncia o Papa, faz do “descarte” a sua regra, é necessário «um suplemento de humanidade, de responsabilidade e de sensibilidade ética».

Mas, segundo o autor, a migração da economia e da comunicação para as plataformas digitais pode também «representar um aspeto positivo», contanto que não seja esquecido «o valor das relações e da interação com o lugar onde trabalhamos, que deste modo se torna expressão de uma cultura, de uma identidade, de uma pertença». Ou seja, é necessária uma verdadeira «ecologia da rede e do ambiente digital». É por conseguinte, «repensar o tema das relações no contexto digital, sem excluir a rede como um lugar destrutivo, mas para descobrir novos modos de estar com o próximo, sem renunciar às relações diretas, pessoais, com presenças reais e não exclusivamente virtuais, aprendendo a conciliar o sentido de um aperto de mão com o click do teclado».



L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS
Unicuique suum Non praevalebunt

Cidade do Vaticano
ed.portugues@ossrom.va
www.osservatoreromano.va

GIOVANNI MARIA VIAN
diretor

Giuseppe Fiorentino
vice-diretor

Redação
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano
telefone +39069899420
fax +39069883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE
L'OSSERVATORE ROMANO

don Sergio Pellini S.D.B.
diretor-geral

Serviço fotográfico
telefone +39069884797
fax +39069884998
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669885164; e-mail: assinaturas@ossrom.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuário, televidas: 0800-160004, fax: 0055123042036, e-mail: ossrom@editorasantuario.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A. System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@redirezionsystem@ilsol24.ore.com

Carta do Pontífice por ocasião do trigésimo encontro no monte Hiei no Japão

Novos caminhos de paz

Todas as religiões devem «rezar e trabalhar juntas pela paz», procurando reconstruir «a harmonia nas muitas partes do mundo dilaceradas pela guerra» e pelo «terrorismo». Foi um verdadeiro apelo a promover, em todos os domínios, «relações justas» e também a «solidariedade fraterna» o que o Papa Francisco lançou na carta ao venerável Kōei Morikawa, sumo sacerdote da denominação budista Tendai, por ocasião do trigésimo encontro de oração pela paz, inaugurado a 3 de agosto no monte Hiei, em Quioto no Japão.

Como enviado pessoal do Papa foi o cardeal John Tong Hon, bispo emérito de Hong Kong, quem entregou a leu e carta. O purpurado é também chefe da delegação da Santa Sé da qual fazem parte D. Joseph Chennot, núncio apostólico no Japão, D. Ángel Ayuso Guixot e monsenhor Indunil Janakaratne Kodithuwakku Kankanamalage, respetivamente secretário e subsecretário do Pontifício conselho para o diálogo inter-religioso.

«Sinto-me feliz por enviar cordiais saudações ao senhor e aos distintos representantes das diversas tradições religiosas que participam», escreveu o Pontífice na carta ao chefe budista, garantindo antes de mais a sua «proximidade espiritual» e unindo-se «a todos ao rezar por um renova-



do florescimento da concórdia e da harmonia nas muitas partes do mundo dilaceradas pela guerra».

«Este anual encontro religioso – reconheceu Francisco – contribui de maneira significativa para a construção daquele espírito de diálogo e de amizade que permite que os seguidores das religiões do mundo trabalhem juntos a fim de abrir novos caminhos para a paz na nossa família humana». E precisamente a oração, afirmou na carta, «inspira e apoia o nosso compromisso pela paz, pois ajuda a tornar mais profundo o nos-

so respeito recíproco como pessoas, reforça os vínculos de amor entre nós e estimula-nos a envidar esforços decididos a fim de promover relações justas e a solidariedade fraterna».

Além disso, o Pontífice disse que «no mundo atual, marcado pela violência, pelo terrorismo e por crescentes ameaças à terra, nossa casa comum, este testemunho de oração e de solicitude partilhada transmite uma mensagem fundamental aos homens e mulheres de boa vontade». Com efeito, como homens de fé,

prosseguiu, «pensamos que a paz duradoura é deveras possível, porque sabemos que nada é impossível se nos dirigirmos a Deus na oração». Um conceito que Francisco já tinha expresso a 20 de setembro de 2016 em Assis por ocasião do encontro inter-religioso pela paz.

Precisamente o histórico dia mundial de oração pela paz, que teve lugar em Assis a 27 de outubro de 1986, foi a fonte de inspiração para um grupo de budistas japoneses relançar a ideia de um encontro de oração inter-religioso na sua terra. O venerável Etai Yamada, octogenário chefe do budismo tendai sentiu-se particularmente comovido pelos conteúdos do evento de Assis a ponto de organizar com aquele mesmo espírito, um ano depois, em agosto de 1987, um encontro de oração no monte Hiei, lugar sagrado para os budistas, para o qual convidou os chefes das religiões professadas no país do Sol levante. A data foi escolhida para recordar a tragédia da bomba atômica lançada, a 6 de agosto, sobre Hiroshima.

Na conclusão da carta, o Pontífice renovou a promessa das suas orações, invocando também «sobre todas as pessoas reunidas no monte Hiei a abundância das bênçãos divinas».

Na conclusão do Asian Youth Day

Ter a coragem da vocação

O convite a «ouvir com sempre maior atenção a chamada do Senhor» a fim de «responder com fé e coragem à própria vocação» foi dirigido pelo Papa Francisco aos jovens reunidos em Yogyakarta (Indonésia) por ocasião do VII Asian Youth Day. Na mensagem – assinada pelo cardeal secretário de Estado, Pietro Parolin – lida durante a missa que no domingo 6 de agosto encerrou o encontro, o Pontífice encorajou os jovens, que se estão a preparar para a próxima jornada mundial da juventude, a inspirar-se em Maria no seu desejo de se tornar discípulos missionários, «a falar com ela como fariam com uma mãe e a entregar-se sempre à sua intercessão amorosa». Deste modo, foi evidenciado citando a mensagem vídeo aos jovens de todo o mundo difundida em 21 de março, «também eles, como a jovem de Nazaré, enquanto procuram seguir mais de perto Jesus Cristo, podem deveras “melhorar o mundo, para deixar um sinal que marque a história”».

As fases conclusivas do Asian Youth Day, no qual participaram mais de dois mil jovens de 21 países, foram caracterizadas por um encontro sobre a convivência pacífica intitulado: «A unidade na diversidade cultural», no qual participaram purpurados e bispos asiáticos, juntamente com algumas importantes personalidades indonésias comprometidas no diálogo entre as religiões.

Estavam presentes entre outros o bispo de Tanjungkarang, D. Yohannes Harun Yuwono, presidente da comissão para os assuntos inter-religiosos da Conferência episcopal da Indonésia; Suhadi Cholil, professor da Islamic State University; e Savic Ali, líder muçulmano responsável pelos serviços web de Nahdlatul Ulama (Nu), a mais importante organização do islão moderado da Indonésia, que apoia o pluralismo, o diálogo inter-religioso e os direitos humanos. Ambos os relatores muçulmanos frisaram que hoje no país há grandes desafios que as comunidades islâmicas e não só são chamadas a enfrentar juntas. Um deles é o aumento do radicalismo que promove o preconceito em relação às minorias religiosas. Outro desafio importante é o terrorismo, que manipula os ensinamentos islâmicos para insinuar nas mentes das pessoas simples «falsas visões teológicas que condenam a socialização com pessoas de outras confissões religiosas». Os dois líderes muçulmanos – referiu AsiaNews – convidaram todos a vencer a tentação das suspeitas e rejeitar estas «ideias falsas». Os relatores não tiveram dúvidas em afirmar que o radicalismo e o terrorismo encontram terreno fértil na internet através dos social media. Todavia, Savic Ali afirmou que os social media também se podem tornar «instrumentos para promover a coexistência pacífica e desenraizar as visões extremas ou os ensinamentos



manipulados de certas doutrinas religiosas».

Contribuíram para o debate alguns líderes católicos que partilharam opiniões e experiências. Segundo D. Anicetus Bongsu Antonius Sinaga, arcebispo de Medan (Indonésia) «cada religião promove a paz e a tolerância, contudo é responsabilidade dos líderes religiosos difundir estes valores entre os fiéis». Também o cardeal Patrick D'Rozario, arcebispo de Daca (Bangladesh) e presidente da comissão para os jovens da Federação das Conferências episcopais da Ásia, recordou que intolerância e terrorismo não são expressões dos valores autênticos da cultura asiática. É responsabilidade da Ásia transmitir os ideais de tolerância e solidariedade aos outros continentes.

Durante o encontro o professor Syafi'i Maarif, ex-presidente de Muhammadiyah, a segunda organização islâmica moderada da Indonésia, indicou os três fatores que causam a da difusão do radicalismo na sociedade indonésia. Segundo o estudioso, a corrupção, juntamente com as injustiças sociais derivadas do aumento da desigualdade entre ricos e pobres, contribuem para gerar intolerância e violência entre comunidades de diversos contextos religiosos e culturais. O terceiro fator é a «arabização desviada» da cultura islâmica no país. Com efeito, alguns partidos conservadores recentemente estabeleceram alianças com os movimentos islâmicos radicais para dar força à própria agenda política, contribuindo para os impulsos islamistas que nos últimos meses criaram fortes tensões na sociedade indonésia.

Neste contexto, uma exortação aos jovens cristãos a levar a luz de Cristo à Ásia e a ser protagonistas da mudança foi dirigida pelo bispo de Bellary (Índia), D. Henry D'Souza. «A Ásia – recordou o prelado – está a enfrentar a ascensão do fundamentalismo religioso e a ameaça contra a paz e a segurança. A intolerância religiosa causa mais violências e mortes do que qualquer outra arma. A juventude católica da Ásia tem a responsabilidade de responder a Deus por tais situações. A ação concertada para promover a harmonia religiosa e as resoluções de conflitos na Ásia deveria ser uma prioridade das nossas associações juvenis. O desejo é que cada jovem presente se torne um exemplo da unidade de todos os povos».

Os mosqueteiros do romance de Alexandre Dumas numa gravura popular do século XIX

Folhetins em L'Osservatore Romano

Um século de novelas cristãs

SILVIA GUIDI

Um dado que salta imediatamente aos olhos é a quantidade: mais de cinquenta títulos subdivididos em breves capítulos publicados nem sempre regularmente, mas em ritmo acelerado: quatro, cinco episódios por semana, na primeira ou segunda página, sob a inevitável escrita em letras garrafais «Folhetim».

Folhear os numerosos *feuilletons* publicados por L'Osservatore Romano no século XIX reserva não poucas surpresas: não só histórias de amor comovedoras (como, de resto, este género prevê) mas também romances de capa e espada, ambientados no século XVII ou na idade média da luta pelas investidas, contos de denúncia social sobre temas contemporâneos aos leitores, histórias de fantasmas cheias de anagnórisés, golpes de teatro e enigmas a resolver.

Tramas complexas de cores fortes, histórias de ódios implacáveis capazes de superar as barreiras do tempo e do espaço que recordam os livros de Carolina Invernizio, mas sem nunca ceder ao terror doentio, característica da prosa visionária e animada da escritora de Voghera.

Romances populares inclusive nos títulos, de *Tribolata* e *Lo spettro di Framoriale*, de Antonietta Klitsche de la Grange a *Cuore generoso!* (anónimo, exceto a indicação "tradução do francês" de um não identificado

Como vade-mécum para se abandonar ao fluxo de uma prosa tão distante de nós em termos de imaginário, mentalidade e estilo, tão descontínua e heterogênea, para apreciar páginas onde a fronteira entre sublime e ridículo é tênue (como de resto nos libretos de ópera e em muita ficção contemporânea), vale a pena reler as páginas que Roland Barthes dedicou ao estilo transbordante dos livros de Victor Hugo, comparáveis a catedrais imponentes, que contêm tudo e o contrário de tudo, detalhes maravilhosos, do mesmo modo que afrescos de péssimo gosto.

«Como romance — escrevia há sessenta anos, em 1957, o semiólogo francês no «Bulletin de la Guilde du Livre», de Lausana — *Notre-Dame de Paris* assemelha-se muito ao monumento que é o seu personagem principal: mesma mistura composta de partes, algumas fora de moda, outras de uma beleza ainda viva. A mesma desigualdade de desgaste, e sobretudo o mesmo prodígio de uma unidade final a despeito da diversidade dos pormenores. E assim como o melhor turista, quero dizer o mais sábio e o melhor remunerado, é aquele que hoje sabe aceitar um edifício no seu conjunto, de igual forma o melhor leitor de Victor Hugo é aquele que não se preocupa demais em discernir, no livro, do vulgar do comovedor, a puerilidade da astúcia, o arcaísmo da vanguarda. Como ca-



tória do corcunda Quasímodo e da cigana morta por causa da sua própria beleza. Um romance prolixo e acidentado, o de Victor Hugo, que continuou a fascinar os leitores incessantemente até hoje, legando à posteridade personagens que se tornaram arquétipos atemporais, como os protagonistas das fábulas e da épica antiga.

Não é por acaso que, também em L'Osservatore Romano, na segunda metade do século XIX, aparecem *Il capitano Clopin* (estamos em janeiro de 1873, e o protagonista recorda Clopin Trouillefou, rei da corte dos milagres de *Notre-Dame de Paris*) e *Esméralda* (em agosto de 1889), ecos dos nomes e dos temas de um *long-seller* anunciado.

A insatisfação de Emma Bovary é a mesma da dócil, meiga e angélica Yvonne, protagonista de *Elattior*, publicado a partir de 12 de dezembro de 1889, impaciente diante dos horizontes limitados da sua vida burguesa, mas convicta de que somente de Deus receberá a paz do coração e a verdadeira realização da sua vida.

Também a crônica se apresenta com frequência de modo preponderante no espaço dedicado aos romances em episódios.

No dia 17 de "gennaro" de 1868, por exemplo, «A destruição dos conventos na Itália que progride de modo assustador», torna necessária uma mudança de programa. Agradáveis leituras recreativas, cedem o lugar ao ensaio histórico capaz de explicar a utilidade social da vida consagrada, *Os monges sob os primeiros reis merovíngios na França*. Portanto, dá-se início à «publicação das magníficas e eloquentes páginas escritas pelo ilustre letrado, conde de Montalembert, para narrar resumidamente as dificuldades e os trabalhos dos monges na França». Esta narração, lê-se no texto reproduzido em apêndice, «será do agrado de todos os verdadeiros italianos, os quais deploraram como nós a supressão das Ordens religiosas, que proporcionam à Itália aquelas mesmas vantagens que ofereceram à França e a toda a Europa civil. Os monges que hoje são expulsos dos seus conventos vingarse-ão conferindo à Itália mais uma vez aquela civilização de que foram autores, promotores e conservadores».

Às vezes, no fim da página os romances cedem espaço a uma rubrica de recensões teatrais ou de artigos científicos, como as séries *Estudos livres de meteorologia comparada* (em julho de 1880), *Arqueologia da nau-maquia* ou as *Lições de medicina preventiva e popular do doutor Alessio Murino* (publicadas em agosto de 1874).

Para um leitor do século XXI, os conselhos do doutor Murino parecem bastante arrepiantes, e ao mesmo tempo fazem sorrir, e posteriori, os vibrantes protestos contra a erigção da Tour Eiffel em Paris, dez anos mais tarde, em fevereiro de 1887, acusada de desfigurar com a sua imponente massa de ferro o panorama da *ville lumière*.

O efeito alienante da distância temporal faz-se sentir sobretudo folheando as páginas da publicidade. Dos anúncios de vapores rapidíssimos para a América do Sul (com a partida de Génova nos dias 3, 14 e 24 de cada mês), ao pó de arroz La Veloutine, que assegura uma cor extremamente branca, dos remédios à base de quinina, genciana, noz vômica para combater a náusea durante a gravidez aos cigarros índios (terapêuticos, para fumar contra a tosse, segundo as indicações para o uso sugeridas pela empresa produtora) às inquietantes Pastilhas Houdé de cocaína, feitas para combater as doenças da garganta e da laringe («além disso — lê-se no espaço publicitário adquirido no jornal — tonificam as cordas vocais e são recomendadas a oradores, cantores e professores»).

Mas a leitura mais emocionante é a dos contos em episódios; quem escreve ainda está a ler *Canossa* (romance histórico de Corrado Von Bollanden, versão do cavaleiro Leopoldo Marzorati, publicada a partir de janeiro de 1881), e ainda não conseguiu entender o que acontecerá com o malvado conde Wazo, com o margrave Udone e com a pobre orfã Gundila, protegida pelo piedoso confessor Vidrado. Quem sabe se um dia não vai nascer — quando os roteiristas tiverem tocado o fundo com sagas de fantasia, livros e romances contemporâneos — inclusive uma série televisiva nacional popular inspirada num folhetim de L'Osservatore Romano.



Um dos pavilhões da Exposição de 1900 em Paris

G. M.), *Troppo tardi!* e *Sola!!!* (sic pontos de exclamação e reticências incluídas, mas nenhum indício sobre o nome do autor), a meio caminho entre o romântico e o policial, com a típica e clara contraposição entre heróis positivos e personagens diabólicos, prevista pelo género "folhetim".

Literatura de vasta, aliás vastíssima difusão, concebida para fidelizar o leitor e aumentar de modo exponencial a venda de revistas e de gazetas, mas nem sempre de baixa qualidade; no fundo, o próprio Honoré de Balzac, em 1831, antecipa nos jornais alguns capítulos dos romances que então escrevia, e até Gustave Flaubert publicou em episódios, na «Revue de Paris», o seu *Madame Bovary*.

tedral ou como romance, é necessário aceitar *Notre-Dame* em bloco (...) Uma aposta a fazer: fechar-se num domingo em casa com *Notre-Dame de Paris* e, superando o aborrecimento de uma certa superabundância de humor pesado e de citações latinas de falso gosto medieval, vencendo o tédio de algumas dissertações filosoficamente pouco perspicazes, eis que se produz o encantamento, a fascinação prodigiosa das grandes leituras, a transmutação da imagem em realidade».

Pelos mesmos motivos, ainda vale a pena aguçar a vista nos caracteres minúsculos e vacilantes dos *feuilletons* do século XIX, publicados em L'Osservatore Romano, muitas vezes filhos ou pelo menos primos da his-

Na Porciúncula o secretário de Estado concluiu o jubileu do Perdão de Assis

O paraíso espera por nós

«A missão fundamental da Igreja» consiste «em mostrar um caminho de salvação oferecido a todos e não destinado a pequenos grupos»: «uma estrada acessível aos pobres, aos últimos, ampla e desimpedida de obstáculos, que conduz à salvação, mesmo se através de uma porta estreita como a da Porciúncula, a porta da conversão autêntica do coração e da vida». Eis quanto sublinhou o cardeal Pietro Parolin presidindo na manhã de 2 de agosto, à missa por ocasião do aniversário do Perdão de Assis na conclusão do jubileu que recorda o oitavo século da sua instituição.

Um ano após a inauguração por parte do cardeal Gualtiero Bassetti e da sucessiva peregrinação realizada a 4 de agosto pelo Papa Francisco a Santa Maria dos Anjos, o secretário de Estado transmitiu aos numerosos fiéis presentes a «abençoadora saudação» do Pontífice, evidenciando que «o exemplo do Pobrezinho» continua a questionar as consciências e a comunidade. Na homilia recordou, inicialmente, aquele dia 2 de agosto de 1216 quando «São Francisco, radiante por ter obtido do Papa Honório III a concessão da indulgência para quantos fossem em peregrinação à igreja de Santa Maria dos Anjos, não conteve a alegria e exclamou: "Irmãos, quero mandar-vos todos para o paraíso"». Palavras, comentou o purpurado, que «revelam o fervor com o qual ele amou o Senhor» transformando-o numa «compaixão e caridade para com o próximo». Na certeza, acrescentou, de que o próprio Deus «se coloca sempre ao nosso lado» porque «nos quer "levar a todos ao paraíso"»; e para realizar isto «usa os caminhos da humildade, escolhendo lugares periféricos e sinais delicados». Com efeito, esclare-

ceu o cardeal Parolin, o Senhor «quis ser reconhecido na fragilidade, manifestando a sua glória com pequenas chamas de luz». Aliás, «se ele se tivesse mostrado mediante sinais grandiosos, os poderosos deste mundo ter-se-iam apoderado deles, resultando privilegiados, não só pelas riquezas e pelo poder terreno, mas também pela facilidade do encontro com Deus».

Ao contrário, disse ainda o celebrante, «revelando-se na simplicidade e numa humildade desarmante, ele ofereceu a todos o esplendor do rosto de Deus, que se inclina sobre o humilde e o pobre e resiste ao soberbo, a quem está cheio de si mesmo, do seu poder, dos seus conhecimentos e projetos, das suas relações e riquezas para se dar conta de um Deus que se faz pequeno, se abaixa e se despoja para enaltecer o ser humano».

Sucessivamente, o secretário de Estado comentou as leituras litúrgicas relacionando-as com a imagem de São Francisco que «rejubila pela bondade do Senhor», o qual «com a concessão da indulgência, oferece com generosidade o perdão, tirando não só a culpa e a condenação, que são o salário do pecado, mas também a pena temporal residual». A este propósito, o purpurado realçou que «lendo as crônicas da vida de São Francisco» é possível observar «quanto fosse importante o paraíso para os homens e para as mulheres daquele século, quanto

fossem dispostos a caminhar, a comprometer-se, a rezar, para não o afastar do seu horizonte» e «quanto os homens pensassem nas coisas do céu, cientes de que o destino definitivo, aquele verdadeiro, não se encontra nas satisfações e realizações terrenas, mas no mundo do futuro, lá em cima na cidade dos santos e não aqui em baixo nas cidades terrenas, repletas de aflições, de dubitáveis comércios e vaidades». Também porque,



«esta consciência se tornava mais incisiva, devido às condições daquele tempo, quando as grandes epidemias e as limitadas mas recorrentes guerras, unidas à escassez dos conhecimentos científicos, faziam com que fosse mais evidente a instabilidade da existência». Um comportamento atribuível ao facto de que na altura «a alma humana estava menos distraída, não estando o éter impregnado de infinitas imagens e sons, e podia concentrar-se com mais facilidade nos pensamentos elevados. A sociedade e a cultura demonstravam-se sensíveis ao sobrenatural, disponíveis a refletir acerca do destino da alma, a comprometer-se a fim de que, se a vida sobre a terra era instável e difícil, pelo menos a que esperava todos no paraíso fosse feliz e jubilosa». Ao contrário, explicou o secretário de Estado atualizando a reflexão, «hoje não somos ajudados a compreender que, perseguindo apenas realizações terrenas, iremos ao encontro de derrotas amargas. Não é óbvio entender que é preciso dirigir-se a Deus, acolher o seu perdão, mudar de vida». E parece até «complicado dar espaço ao pensamento sobre Deus, sobre a Igreja, sobre o rio de graça oferecido pelos sacramentos, sobre a importância de preservar a Palavra para não fazer escolhas destruidoras da comunhão das famílias, das paróquias ou dos ambientes de trabalho, para não viver sem bússola, vagueando em busca de uma felicidade que escapa perenemente».

Por conseguinte, «a festa hodierna, este lugar santo, o exemplo e a vida de São Francisco e as palavras do *Magnificat* convidam a ver com olhos novos a realidade, a aproximar-se de Jesus e da sua Mãe, a encaminhar-se rumo à Porciúncula para adorar e receber a força de ser testemunhas jubilosas de Cristo». Daqui a exortação conclusiva do purpurado a rezar à «Virgem Maria e a São Francisco a fim de que se difundam o desejo de conversão, a aspiração à santidade, a alegria de caminhar na quotidianidade com os pés firmes no chão, mas com o olhar constantemente dirigido ao céu, para receber das alturas orientação, clareza de intenções, consolação e proteção».

A indulgência dos pobres

Para enfatizar a ligação de toda a família franciscana com a festa do Perdão, a celebração conclusiva do ano jubilar foi precedida pelo tríduo de preparação pregado pelos ministros das três ordens masculinas – para os capuchinhos foi o vigário geral – na Porciúncula. Em particular, na manhã de 1 de agosto, o frade menor Michael A. Perry presidiu à cerimónia de abertura do Perdão, ao passo que à noite a vigília de oração, com a procissão *aux flambeaux*, foi guiada pelo irmão de hábito José Rodríguez Carballo. Na homilia, o arcebispo secretário da Congregação para os institutos de vida consagrada e as sociedades de vida apostólica, sublinhou que «o chamado perdão de Assis, ou melhor, a indulgência da Porciúncula, transformou este lugar num espaço privilegiado de penitência e graça, especialmente para os pobres que não podiam ir em peregrinação a Santiago de Compostela, a Jerusalém ou a Roma, seja devido à distância geográfica, seja pelas ofertas que tais indulgências exigem, particularmente as da Terra Santa».

Com efeito, continuou o celebrante, «o Pobrezinho, que desde o início da sua conversão tinha descoberto que os pobres eram como a carne de Cristo – segundo a expressão do Papa Francisco – pedindo ao Papa Honório que a compra da indulgência não implicasse um fardo económico era movido pela solicitude fraterna para com aquelas pessoas que, por falta de meios ou forças, não podiam iniciar uma longa viagem». Eis por qual razão «a indulgência da Porciúncula era um gesto de profunda solidariedade por parte de Francisco em relação a quantos não podiam oferecer nada, exceto a sua fé, a sua oração e a

sua disponibilidade a viver segundo o Evangelho a própria condição de pobreza». Mais ainda: «A indulgência da Porciúncula é a indulgência dos pobres. Desta forma, o grande coração de São Francisco, e com ele o grande coração da Igreja, não quer deixar ninguém sem a possibilidade de ir para o paraíso, não quer deixar ninguém sem a possibilidade de se sentir perdoado».

Mas, questionou-se monsenhor Rodríguez Carballo, «o que requer esta indulgência? Além de uma viagem mais ou menos longa, o que se exige e se exige – foi a resposta – para obter o perdão da Porciúncula é iniciar uma viagem interior de conversão». Sobretudo, acrescentou, trata-se de «se distanciar das diferentes situações de pecado que se experimentam na vida e da mediocridade em que frequentemente vivemos instalados, motivando-nos a levar a sério o Evangelho, a deixar-nos envolver pelas suas exigências». A este respeito, advertiu, «não podemos pretender obter a indulgência da Porciúncula permanecendo ancorados na nossa situação de pecado. Também não podemos pretender desfrutar a graça do perdão de Assis permanecendo na nossa mediocridade. Para experimentar a misericórdia do Senhor é necessária uma vontade firme a fim de erradicar o pecado de nós mesmos».

Por fim, o secretário da congregação do Vaticano enumerou as «atitudes necessárias para participar plenamente na festa do perdão», que consistem em «compartilhar este amor-perdão com os outros». Aliás, concluiu, «sentir-nos perdoados nos coloca diante de uma exigência de perdoar sem limites».

No Angelus o convite ao silêncio e à contemplação

Com olhos e coração transfigurados



David Popiashvili, «A transfiguração de Jesus Cristo»

O convite a reперcorrer as pegadas dos discípulos que subiram com Jesus ao monte Tabor e regressaram «com os olhos e os corações transfigurados pelo encontro com o Senhor» foi dirigido pelo Papa Francisco aos fiéis reunidos na praça de São Pedro para a reatuação do Angelus de domingo, 6 de agosto, festa da Transfiguração do Senhor.

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Neste domingo, a liturgia celebra a festa da Transfiguração do Senhor. A página evangélica de hoje narra que os apóstolos Pedro, Tiago e João foram testemunhas deste acontecimento extraordinário. Jesus levou-os consigo «conduziu-os em particular a um alto monte» (Mt 17, 1) e, enquanto rezava, o seu rosto mudou de aspeto, brilhando como o sol, e as suas vestes tornaram-se cándidas como a luz. Apareceram então Moisés e Elias, e entraram em diálogo com Ele. A este ponto, Pedro disse a Jesus: «Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, façamos aqui três tabernáculos, um para ti, um para Moisés, e

um para Elias» (v. 4). Ainda não tinha acabado de falar, quando uma nuvem luminosa o cobriu.

O evento da Transfiguração do Senhor oferece-nos uma mensagem de esperança – assim seremos nós, com Ele – convidando-nos a encontrar Jesus, para estar ao serviço dos irmãos.

A subida dos discípulos ao monte Tabor leva-nos a refletir acerca da importância de nos desapegarmos das coisas mundanas, a fim de fazer um caminho rumo ao alto e contemplar Jesus. Trata-se de nos pormos à escuta atenta e orante de Cristo, o Filho amado do Pai, procurando momentos de oração que permitem o acolhimento dócil e jubiloso da Palavra de Deus. Nesta ascensão espiritual, neste afastamento das coisas mundanas, somos chamados a redescobrir o silêncio pacificador e regenerante da meditação do Evangelho, da leitura da Bíblia, que leva rumo a uma meta rica de beleza, de esplendor e de alegria. E quando nos pormos assim, com a Bíblia na mão, em silêncio, começamos a sentir esta beleza interior,

esta alegria que a palavra de Deus gera em nós. Nesta perspectiva, o tempo de férias é um momento providencial para aumentar o nosso compromisso de busca e de encontro com o Senhor. Neste período, os estudantes estão livres dos compromissos escolares e muitas famílias fazem as suas férias; é importante que no período do repouso e da pausa das ocupações diárias, se possam retemperar as forças do corpo e do espírito, aprofundando o caminho espiritual.

No final da admirável experiência da Transfiguração, os discípulos desceram do monte (cf. v. 9) com os olhos e o coração transfigurados pelo encontro com o Senhor. É o percurso que podemos realizar também nós. A redescoberta cada vez mais viva de Jesus não constitui um fim em si, mas induz-nos a uma meta rica de beleza, de esplendor e de alegria. E quando nos pormos assim, com a Bíblia na mão, em silêncio, começamos a sentir esta beleza interior,

amado. Ouvi-o!» (v. 5). Olhem para Maria, a Virgem da escuta, sempre pronta para acolher e guardar no coração cada palavra do Filho divino (cf. Lc 1, 51). Queira a nossa Mãe e Mãe de Deus ajudar-nos a entrar em sintonia com a Palavra de Deus, de modo que Cristo se torne luz e guia de toda a nossa vida. A Ela confieamos as férias de todos, para que sejam serenas e proveitosas, mas sobretudo o verão de quantos não podem ir de férias porque a idade não é permitida, por motivos de saúde ou de trabalho, por dificuldades económicas ou por outros problemas, a fim de que seja contido um tempo de distensão, alegrado por presenças amigas e por momentos felizes.

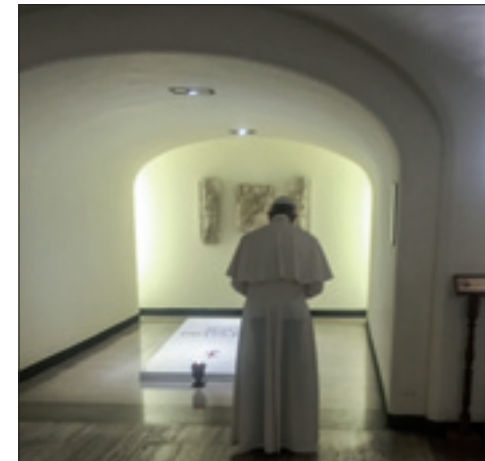
No final da oração mariana, depois de ter concedido a bênção apostólica, o Pontífice saudou, como de costume, alguns grupos de fiéis presentes na praça de São Pedro.

Amados irmãos e irmãs!

Saúdo todos vós, romanos e peregrinos de vários países: famílias, associações e cada um dos fiéis.

Hoje encontram-se aqui diversos grupos de adolescentes e jovens. Saudados com grande afeto! Em particular, o grupo da pastoral juvenil de Verona; os jovens de Adria, Campodarsego e Ofanengo.

A todos desejo bom domingo. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!



Em oração no túmulo de Paulo VI

Na manhã de domingo, 6 de agosto, festa da Transfiguração do Senhor e trigésimo nono aniversário da morte de Paulo VI, o Papa Francisco desceu às Grutas vaticanas e recolheu-se em oração diante do túmulo do seu predecessor. Anteriormente, a missa em sufrágio pelo Pontífice de Brescia foi presidida por Dom Marcello Semeraro, bispo de Albano e secretário do Conselho dos nove cardeais. Concelebraram também o

bispo Giuseppe Sciacca, secretário do Supremo tribunal da assinatura apostólica, e monsenhor Lucio Adrian Ruiz, secretário da Secretaria para a comunicação. Estavam presentes ainda monsenhor Leonardo Sapienza, regente da Prefeitura da Casa Pontifícia, e algumas pessoas que colaboraram com o Papa Montini.

Aniversário da morte do Papa Montini

Luz mística

Publicamos a homília proferida nas grutas do Vaticano a 6 de agosto.

MARCELLO SEMERARO

A festa de domingo, Páscoa da semana, este ano foi incrementada devido à coincidência com a da Transfiguração do Senhor. Elas têm em comum o tema da luz. Com efeito, o domingo é, como cantava Santo Ambrósio no hino *Hic est dies*, «o verdadeiro dia de Deus, dia sereno de mística luz»; no mistério da Transfiguração, por sua vez, o rosto de Jesus «brilhou como o sol»; um sol que nunca conhecerá ocaso, mas que resplandecerá para sempre de uma luz serena, que não cega, atrai o olhar e alegra pelo seu fulgor divino, comentava Pedro o Venerável.

Para nós esta festa é tão querida também porque nos recorda o trânsito para o Céu do beato Paulo VI, cujo corpo, que depois iremos honrar, está depositado nestas Grutas. Numa biografia de Cristina Seccardi foi definido «o Papa da luz». O seu ansio pela luz incessante permaneceu definitivamente esculpido na quele admirável *Pensamento da morte* que, quando fomos interados disto depois da sua leitura na congregação geral dos cardeais a 10 de agosto de 1978, nos deixou atônitos e comovidos. Antes de então, eu nunca tinha ouvido um testemunho, espiritual e ao mesmo tempo carnal tão alto e profundo. Além disso, é algo que ainda hoje, depois de quase quarenta anos, me comove. «Andei enquanto tiverdes a luz» escreveu citando o Evangelho de João (12, 35) e continuava: «Ao terminar, gostaria de estar na luz».

Estas palavras assemelham-se à exclamação dirigida por Pedro a Jesus transfigurador: «Senhor, é tão bom estarmos aqui!». Reconhecemos nisto o desejo e o acolhimento da amizade com o Senhor. E Paulo VI teve um elevado culto da amizade. Ao ler as suas muitas intervenções podemos notar imediatamente que habitualmente ele une a amizade à comunhão. A amizade com Deus, certamente e em primeiro lugar, que ele compreendia e explicava à luz do *Suscipe inlaciano*; mas também a amizade humana, que não desdenhava ilustrar evocando o *De amicitia* de Cícero.

Aliás, Paulo VI, no sulco da primeira carta de João, considerava esta amizade «exercício gradual, propedéutico ao amor de Deus», como disse na audiência geral de 26 de julho de 1978, poucos dias antes de morrer.

Voltemos, contudo, ao mistério da luz do Tabor, que não só transparece do rosto e das vestes de Jesus, mas está também concentrada numa nuvem luminosa que abraça os discípulos com a sua sombra. Quando Paulo VI comenta a cena evangélica – isto nunca foi certificado nos discursos milaneses, mas no pontifical do romano verifica-se duas vezes, em homilias quase-mais – imagina que aconteceu na escuridão da noite visto que «os três adormecidos foram despertados por um relâmpago deslumbrante» (19 de fevereiro de 1967) e os seus olhos «abrem-se porque se acendeu uma grande luz» (27 de fevereiro de 1972). Não é só uma luz envolvente, mas também falante, de modo que a visão se transforma rapidamente em audição. Com efeito, uma voz, a do Pai, que enquanto sublinha a identidade divina de Jesus reafirma a necessidade de o escutar. Há a Lei com Moisés e há a profecia com Elias, comentará Santo Agostinho num sermão (79), mas quem devemos ouvir é Jesus porque n'Ele há a voz da Lei e a língua dos profetas.

No mesmo comprimento de onda inseriu-se certa vez Paulo VI. Ouçamo-lo, relendo o discurso da audiência geral de 28 de agosto de 1974 onde falava do pluralismo, preocupado que «da plúrima sinfonia unificadora e celebrante do Pentecostes» não se retrocedesse para a babélica confusão das línguas. Portanto, um problema muito atual.

E conclui: «A verdadeira religião, como acreditamos que é a nossa, não pode considerar-se legítima, nem eficaz, se não for ortodoxa, ou seja, derivada de uma relação autêntica e unívoca com Deus. Nem um vago, e ainda que comovido e sincero sentimento religioso, nem uma livre ideologia espiritual construída com autónomas elaborações pessoais, nem um esforço para elevar a nível religioso até as nobres e apaixonantes expressões de sociologia lírica e moral de povos inteiros, nem as vivisseções hermenéuticas que visam atribuir ao cristianismo uma origem natural ou



Louis Bouan, «Transfiguração» (2008)

mítica, nem qualquer outra teoria ou observância, que prescinda da voz infinitamente misteriosa e extremamente clara, que ressoa no monte da transfiguração e que se refere a Jesus, radiante como o sol e branco como a neve: «Este é o meu filho predileto, em quem me comprazo; escutai-o!», poderá saciar a nossa sede de verdade e de vida. Bem-aventurados os que forem colocados no número dos pequeninos, que sabem ouvir esta voz, e antegozar a felicidade da certeza imortais».

CHIARA MONTINI MATRICARDI

Recordo com saudade os dias serenos e despreocupados em Melchthal, pequena cidade da Suíça alemã, não distante da abadia beneditina de Engelberg, onde habitualmente passávamos um período de férias no mês de agosto, depois da festa de Nossa Senhora da Assunção. O nosso tio era particularmente sensível e atraído pela espiritualidade beneditina do *ora*

Testemunhos

Recordando o Papa falecido a 6 de agosto de 1978, do livro *Processo a Montini* (Morcelliana), antepago aos artigos excertos do epitóquio escrito pela sobrinha Chiara, filha de Francesco (1900-1971), o irmão mais novo do Pontífice. O volume, editado pelo jornalista Massimo Tedeschi, apresenta uma antologia dos 51 testemunhos recolhidos em Brescia a partir de 1980 com o consentimento da Santa Sé e depois confluídos na *Positio* da causa de canonização de Giovanni Battista Montini.

A sua mão apertava a minha

et labora e junto desses monges encontrava sempre hospitalidade delicada e gentil. Almoçávamos juntos, brincava connosco, iam visitar abadias, ermidas, refúgios alpinos e com a cremalheira subíamos aos altos cumes nevados; às vezes, percorrendo estreitas e rápidas veredas, a sua mão apertava a minha, dando-me segurança e força que tenho a impressão de sentir ainda hoje.

Os encontros diminuíram por causa da saúde precária do meu pai, mas não os telefonemas que os irmãos continuavam a trocar. Durante a difícil e atormentada redação da encíclica *Humanae vitae* mais de uma vez o tio pediu um parecer ao irmão médico: parece que ainda ouvi o meu pai com o telefone ao ouvido, debatendo profundamente com o padre Battista.

Por ocasião da festa da natividade de Nossa Senhora, a 8 de setembro, muito querida à nossa família, éramos esperados em Castel Gandolfo. Lá recriava-se aquela intimidade antiga e familiar entre o tio e o meu pai. O primeiro encontro acontecia de manhã muito cedo. As 7 participávamos na missa celebrada pelo tio na capela particular. Eu saía daquela pequena capela com uma sensação de grande paz, de alegria completa, de plenitude interior.



Melchthal, Suíça, agosto de 1958
Giovanni Battista Montini
com Elisabetta e Chiara

Entrevista ao subsecretário do Dicastério para o serviço do desenvolvimento humano integral

Ao lado do homem que procura esperança

MAURIZIO FONTANA

«Onde há um sofrimento, onde nasce um problema, a Igreja está sempre lá, ao lado das pessoas». Para monsenhor Segundo Tejado Muñoz esta é uma das missões do Dicastério para o serviço do desenvolvimento humano integral, onde as devastações da guerra e as catástrofes naturais causam emergências humanitárias. Nesta entrevista ao nosso jornal, o sacerdote espanhol, de cinquenta e sete anos, explica que «o homem precisa de Deus, de saber que é amado por um pai. Não é só uma barriga para encher. Certamente também isso é importante, mas o homem procura sempre uma esperança para ir em frente».

Como e quando surgiu a vontade de se deslocar de Madrid para um seminário em Roma?

A vocação é sempre algo que vem de longe. Na juventude, depois de ter abandonado a Igreja, encontrei o Senhor e senti que de certa forma ele me chamava. Mas depois seguiu o meu percurso profissional como leigo. Até que se verificou um ponto de viragem. Eu tinha 24 anos, era professor de fotografia num liceu artístico na Espanha e, convidado por um amigo missionário, fui a Lima, onde nas periferias, nos chamados *pueblos jóvenes*, presenciei a invasão de pessoas provenientes das montanhas que transformaram a capital peruana numa cidade enorme. Sobretudo vi a verdadeira pobreza. Eu provinha de uma realidade burguesa e o contacto com os pobres foi perturbador. Compreendi que o Senhor me chamava para algo diferente. Contudo, não imaginava que eu teria dedicado a minha vida precisamente ao serviço dos mais necessitados como sacerdote.

Com efeito, depois da ordenação houve uma missão na Albânia...

Também esta foi uma surpresa. O meu bispo chamou-me para me dizer que tinha recebido um pedido de ajuda de Tirana onde, depois da derrocada do comunismo, a Igreja devia ser reconstruída desde as bases. Era meu desejo precisamente ser missionário. Foi assim que em 1993, pouco depois da queda do Muro de Berlim, dei comigo de mala na mão na capital albanesa. Na Espanha, quando eu era jovem, tinha imaginado muito diversamente o marxismo; na Albânia encontrei uma realidade impressionante: eram evidentes todos os danos enormes causados pela ditadura. Era como se o céu se tivesse fechado. Tudo era cinzento, triste. Sentia-se a necessidade que o povo tinha de olhar para o alto. Mas ao mesmo tempo, encontrava-se o mundo real dos albaneses que sabiam alegrar-se com pequenas coisas. São pessoas muito simpáticas, brincalhonas, que gostam de falar, de estar juntas. Encontrei um mundo que se tinha libertado do controle férreo do partido. Uma vida que fluía ao longo dos rios subterrâneos. Pus-me à disposição do bispo e comeci a trabalhar, tendo sido sucessivamente

nomeado diretor da Caritas nacional. Tive que aprender ali diretamente das diversas emergências: primeiro o colapso social de 1997, depois a guerra no Kosovo em 1999 com o drama dos refugiados.

Que comunidade cristã encontrou?

Uma comunidade viva. Não havendo sacramentos, pregação nem formação, os católicos agarravam-se às devoções antigas. Mas estavam desejosos de começar um percurso novo. Por conseguinte, no que diz respeito ao trabalho pastoral apostei na iniciação cristã. Era preciso dar um novo anúncio. Recordo-me de muitos jovens, prontos para acolher

de apoio que a Igreja tem é fundamental.

Não é a mesma ideia que está na base dos projetos que surgiram na América Latina com a fundação Populorum Progressio dos quais se ocupa desde 2003, quando foi chamado para o Pontifício conselho Cor unum?

Precisamente. Há tantos tipos de projetos calibrados segundo as várias necessidades locais. Há quem precisa de um poço de água, quem de escolas, quem de uma pequena estrutura na qual consultar os doentes quando vem o médico. Eis o critério: intervenções até pequenas mas necessárias. Trabalhamos sempre

dias naturais do último decénio: o terremoto no Haiti, o maremoto no Japão, o ciclone nas Filipinas, o sismo no Equador...

O contacto com o sofrimento ajuda a mim mais do que eu possa ajudar alguém. Todas as vezes que volto de uma visita a estes lugares onde aconteceu uma calamidade, regresso intimamente melhorado, «limpo». Trata-se de colocar as coisas no lugar certo. Aquelas populações tão duramente atingidas oferecem tanto em termos de confiança, esperança, fé... mesmo quando simplesmente manifestam o seu sofrimento. Levar o alívio do Papa a estas populações é um privilégio enorme. Quando acontece alguma coisa, o Pontífice chama-nos imediatamente e convidamos a enviar ajudas. Nós, o pouco que temos, levámo-lo aos bispos para uma primeira emergência. Depois fazemos uma visita para verificar as necessidades concretas, e em seguida parte a caridade da Igreja que é uma coisa imensa. Entra em jogo o segundo aspeto do nosso trabalho: coordenação das ajudas e identificação de cada necessidade. O Papa envia um sinal da sua proximidade, da sua presença, depois juntamente com ele mobiliza-se a Igreja inteira e toda uma realidade variegada de associações, agências que se movem em unísono e em colaboração com a Igreja local. É um trabalho que se prolonga no tempo. As populações que recebem estas ajudas admiram-se com esta proximidade. Quantas vezes vi lágrimas de agradecimento. Em geral levo comigo muitos rosários benzidos pelo Papa para oferecer: não poderia levar prenda melhor. E quantas vezes, perguntando à população local do que necessitam, ouço responder: «Uma igreja, uma capelinha para rezar juntos». Comunidades provadas pela dor, que procuram a chama da presença de Deus. Isto, em concreto, explica-nos o significado daquela visão integral que o nosso dicastério pretende frisar: o homem é uma unidade.

O Pontifício conselho confluiu no Dicastério para o serviço do desenvolvimento humano integral e o monsenhor, há poucos dias, foi nomeado seu subsecretário. Que muda em relação ao passado?

Estamos ainda a trabalhar na organização, e é uma tarefa complexa porque foram incorporados quatro dicastérios. Mas algumas linhas de ação já foram predispostas pelo Papa Francisco no motu proprio e no Estatuto que nos entregou. Eu deveria ocupar-me do aspeto pastoral, da diaconia, da caridade, da solidariedade. Tudo isto abrange, de maneira transversal, vários setores: saúde, migrantes, apostolado do mar, população rom, pastoral da estrada, capelães dos hospitais e das prisões. Temos também uma colaboração com a Caritas Internationalis, ou os encontros de coordenação – por exemplo para a Síria – onde se procura integrar o trabalho de todas as associações católicas com o das Igrejas locais.



Fotografia tirada por Tejado Muñoz no Haiti

o Evangelho até na sua radicalidade. O que no meu país é mais difícil: os jovens no mundo secularizado levantam muros. Lá, ao contrário, havia um canal aberto.

Entretanto chegaram as consequências da guerra do Kosovo. Como mudou o seu empenho?

Foi a Igreja albanesa que se mobilizou para fazer face à invasão que nos submergiu literalmente. Graças a Deus fomos ajudados também pelo exterior. E houve um comovedor compromisso coletivo: ordens religiosas, paróquias, bispos, sacerdotes, cada um acolheu o que podia as pessoas que chegavam como enchenetes. Tenho gravada na memória a recordação da fronteira: velhos carros, tratores, caravanas de pessoas que entravam e não sabiam para onde ir. Foi uma crise de proporções que superavam as forças da pequena Igreja da Albânia. Mas naquele momento a resposta foi deveras eclesial. Ali aprendi a reconhecer a capacidade que a Igreja tem de estar presente, de estar onde surge a necessidade. Para dar um exemplo: quando chegaram os primeiros refugiados, nós já tínhamos as religiosas prontas que faziam trabalhar os fornos dia e noite para dar pelo menos um bocadinho de pão a cada um. Esta capacidade

através dos missionários, dos bispos locais. Na Igreja há muita gente heroica que vai aos lugares mais longínquos e diz: «Estamos aqui para vós».

Seguindo os vários projetos, conheceu mais a fundo o continente de origem do Papa Francisco?

Encontrei uma Igreja com tantas problemáticas, tantas questões, mas muito viva. Ocupei-me sobretudo das populações indígenas através de uma ajuda que não é só material, mas também espiritual e cultural. A este respeito o Pontífice diz que é necessário estar sempre atentos a não pretender fechar estas populações em «reservas». As culturas, sem perder a sua identidade, devem poder-se confrontar e misturar. A síntese é sempre uma riqueza. De facto, com frequência arrisca-se assumir uma atitude paternalista, chegando quase a impor a certas realidades aquele que nós consideramos um modelo ideal. Ao contrário, estas pessoas devem ser facilitadas no encontro, devem poder frequentar as universidades, devem ter a possibilidade de se desenvolverem.

Quando se tornou subsecretário de Cor Unum, seguiu e coordenou as intervenções para fazer face às grandes tragé-

Apelo do Papa numa mensagem aos Cavaleiros de Colombo

Não à espiral de violência no Médio Oriente

«Não permanecer indiferente ao grito de dor dos cristãos do Médio Oriente, “que a violência fratricida e o fanatismo religioso deixaram sem uma casa ou obrigaram a fugir das suas antigas terras natais”»: eis o compromisso fulcral confiado pelo Papa Francisco aos Cavaleiros de Colombo que, de 1 a 3 de agosto, se reuniram em St. Louis, no Missouri (EUA), para a sua 135ª convention, dedicada ao tema «Certos do amor e do poder de Deus». O Pontífice pediu também que defendam e promovam a santidade do matrimónio, bem como a dignidade e a beleza da vida familiar.

Numa mensagem assinada pelo cardeal secretário de Estado, Pietro Parolin, o Santo Padre recordou como toda a história da Ordem testemunha que «um espírito de solidariedade e a solicitude recíproca inspirada pelo amor de Deus» são capazes de oferecer uma contribuição fundamental para a «glória de Deus», para a «propagação do seu

Reino» e para a «missão universal da Igreja». É neste sentido que deve ser interpretado o convite a partilhar as preocupações do Sumo Pontífice a propósito da «nova guerra mundial em pedaços», que hoje se combate, enquanto «uma sede absurda de poder e de domínio, tanto financeiro e político quanto militar, causa indizíveis violências e sofrimentos na nossa família humana». Daqui surgiu o apelo a «rejeitar esta mentalidade» e «contrastar o crescimento de uma cultura global da indiferença que descarta os nossos irmãos e irmãs mais pequeninos».

Portanto, em plena fidelidade à visão do fundador, o servo de Deus Michael McGivney, os Cavaleiros são chamados a «enfrentar com generosidade este desafio, antes de tudo e em primeiro lugar voltando a dedicar-se à sua vocação propriamente laica de promover a santificação do mundo a partir de dentro, assumindo as suas responsabilidades quotidianas no espírito do Evange-

lio e revelando Cristo aos outros através do próprio testemunho de vida». Deste modo «ajudarão a lançar fundamentos sólidos para a renovação da sociedade no seu conjunto, trabalhando para transformar os corações e construir a paz».

O Papa Francisco dirigiu aos Cavaleiros o seu apreço também pelos «esforços incessantes» envidados pela Ordem, a fim de defender e promover a santidade do casamento e a dignidade e a beleza da vida familiar. «É em família – lê-se na mensagem – que aprendemos a compreender que até o mundo mais vasto é a nossa casa, onde somos chamados a viver juntos, a aprender a proximidade, o cuidado e o respeito pelo próximo, e a estimar os dons concedidos por Deus, que cada um de nós pode distribuir para o bem de todos». Desta maneira, o fortalecimento destes «sólidos valores familiares e uma visão renovada da nossa responsabilidade pela saúde moral da comunidade mais ampla» pode-

ráo contribuir «para superar a polarização e a aspereza do tecido social, que é cada vez mais fonte de preocupação, inclusive nas nossas sociedades mais prósperas».

Não menos insistente foi o apelo do Papa para apoiar «os nossos irmãos e as nossas irmãs cristãos do Médio Oriente, no seu testemunho de fidelidade ao Senhor, muitas vezes oferecido à custa de enormes sacrifícios pessoais». Ninguém – recordou na sua mensagem – «pode permanecer cego» diante de tais sofrimentos. A este propósito, o Santo Padre reiterou a importância do fundo de ajuda aos refugiados, instituído pelos Cavaleiros de Colombo, como «um sinal eloquente do compromisso firme da Ordem a favor da solidariedade e da comunhão com os nossos irmãos cristãos». E pediu-lhes «mais uma vez que rezem pelas pessoas em necessidade, pela conversão dos corações e pelo fim da espiral de violência, de ódio e de injustiça naquela região».

Erasmus de Roterdão e Martinho Lutero

Génesis de um diálogo falhado

ROBERTO RIGHETTO

Os últimos três Pontífices reabilitaram-no amplamente, reconhecendo o seu desejo de renovar a Igreja e não de a dividir (Bergoglio), a sua espiritualidade cristocêntrica (Ratzinger) e a redescoberta da Palavra essencial para os cristãos (Wojtyła). Martinho Lutero é recordado com livros e celebrações ao longo deste ano, a quinhentos anos do início da Reforma protestante, um acontecimento que incidiu profundamente não apenas no cristianismo, mas também em toda a modernidade.

Ma o que teria acontecido, se o monge agostiniano se tivesse encontrado com outro grande reformador daquela época, Erasmo de Roterdão, que acompanhou passo a passo o protesto que levou ao cisma, mas nunca desejou abandonar a Igreja de Roma? «Erasmo pôs os ovos que Lutero chocou», declarou o estudioso inglês Percy Stafford Allen, que se ocupou da edição da correspondência do grande humanista.

E com efeito, em 1516 – como escreveu o historiador belga Léon E. Halkin – «Erasmo e Lutero estão bastante próximos para que as suas causas estejam ligadas». É quanto testemunha uma carta enviada a Erasmo por Giorgio Spalatin, capelão de Frederico da Saxónia, a favor de Lutero.

A viagem a Roma, realizada alguns anos antes pelo autor do *Elogio da loucura*, desiluiu-o de maneira profunda: sinceramente apegado à verdade da fé, ele evita a pompa romana, o luxo e a mundanidade. No entanto, a visão de um papado triunfante mas exangue não o impede de revolta, mas a projetar a reforma para uma Igreja sem transigências, alheia às concupiscências do mundo, inteiramente dedicada à pregação do Evangelho. Mas não são estas as premissas da revolta de Lutero?

Mas o protesto ganha forma: primeiro com as teses de Wittenberg, e depois com a disputa de Heidelberg. É Lutero quem dá o primeiro passo rumo a Erasmo e a 18 de março de 1519 envia-lhe a primeira carta. «Falo frequentemente contigo, e tu comigo, Erasmo, nosso decoro e nossa esperança, embora ainda não nos tenhamos encontrado. Existe alguém cujo íntimo santuário não esteja



Ilustração da Bíblia de Lutero que inclui a tradução do Novo Testamento de Erasmo (1545)

ocupado por Erasmo, que não seja instruído por Erasmo, sobre cujo espírito Erasmo não reïne?».

Passam dois meses e, no dia 30 de maio, chega a resposta, que não esconde o clamor suscitado pelos escritos luteranos. «Quanto a mim, enquanto puder, permanecerei neutro. Entretanto, é necessário cuidar a fim de que o nosso coração não se corrompa com o ressentimento, o ódio ou a sede de glória. Esta última ameaça-nos até no meio do nosso zelo feito de piedade».

Em síntese, Erasmo rejeita ser considerado porta-estandarte do partido de Lutero, mas alguns meses mais tarde, a 19 de outubro, quando o con-

flito com Roma se agrava, pega na caneta e, ao arcebispo de Mainz, Alberto de Brandemburgo, esclarece a sua posição. «Não sou o acusador de Lutero nem o seu protetor e muito menos o seu juiz. Acho que é cristão tratar Lutero de modo a impedir, se for inocente, que fações desonestas o aniquilem. Se estiver errado, desejo o seu arrependimento, não a sua danação. Isto está em maior sintonia com o exemplo de Cristo».

A quantos o acusam de não se alinhar com a Igreja de Roma, repete que é errado rejeitar as razões de Lutero sem procurar entendê-las, e que não escreverá nem a favor nem contra o monge. «Um dia – escreve a Martinho Lipsio – compreender-se-á que eu não defendo Lutero, mas a paz da cristandade».

Entretanto, as posições exasperam-se ainda mais: em 1520 Leão X acusa Lutero de heresia e em 1521 Carlos V emite o édito de Worms, que faz dele um malfetor. Não obstante deplora a falta de moderação de Lutero, Erasmo escreve a Pedro Barbier: «Queimando os seus livros, talvez se expulsar Lutero das bibliotecas, mas não sei se o poderemos expulsar das almas».

E quando o novo Papa Adriano VI, seu amigo e também ele holandês, solicita uma sua tomada de posição, Erasmo repete que se opõe ao cisma mas critica a repressão usada contra Lutero; também desta vez, como sempre, ele é contrário ao uso da força em matéria de fé. Em 1523, assim responde ao Papa: «O mundo tinha necessidade de ser despertado para a verdade evangélica, porque vivia entorpecido pelas opiniões escolásticas, pelas organizações humanas e pelas indulgências pontifícias».

Um ano mais tarde publica *O livre arbítrio*, como que uma extrema tentativa de reconciliação entre as partes: esta obra é bem recebida pelos católicos, que no entanto o repreendem por uma abertura excessiva em relação a Lutero, mas é rejeitada pelos protestantes. Em 1525 é publicado o tratado *De servo arbítrio*, do próprio Lutero, que acusa Erasmo de ser hipócrita e sofista.

Os dois já estão separados. A dilaceração da cristandade completa-se e o sonho de uma recomposição dissipa-se.

Faleceu o cardeal Dionigi Tettamanzi

O cardeal Dionigi Tettamanzi, arcebispo emérito de Milão, faleceu a 5 de agosto, com 83 anos, depois de uma longa enfermidade. Nasceu em Renate (Itália), no dia 14 de março de 1934, tendo sido ordenado sacerdote a 28 de junho de 1957. Eleito bispo de Ancona-Osimo no dia 1 de julho de 1989, recebeu a ordenação episcopal a 23 de setembro do mesmo ano. Renunciou ao governo pastoral a 6 de abril de 1991 depois de ter sido eleito secretário-geral da Conferência episcopal italiana. Nomeado bispo de Génova a 20 de abril de 1995, foi criado cardeal no consistório de 21 de fevereiro de 1998 do título dos Santos Ambrósio e Carlos. Transferido para a arquidiocese de Milão a 11 de julho de 2002, renunciou ao governo pastoral a 28 de junho de 2011.

Teólogo moral, Secretário-Geral e Vice-Presidente da Cei, arcebispo de Ancona-Osimo, depois de Génova e de Milão, sucessor de Carlo Maria Martini, nas últimas décadas Dionigi Tettamanzi foi um dos protagonistas da vida da Igreja italiana.

Nasceu em Renate, no território da província e da arquidiocese de Milão, no dia 14 de março de 1934; com 11 anos entrou no seminário diocesano "San Pietro" de Seveso, onde iniciou os estudos, completados depois no seminário de Venegono Inferiore, no qual frequentou ainda os cursos de teologia, até à licenciatura obtida em 1957. No dia 28 de junho do mesmo ano foi ordenado sacerdote pelo arcebispo Giovanni Battista Montini e, poucos meses depois, enviado ao Pontifício seminário lombardo de Roma, onde permaneceu por dois anos, frequentando a Pontifícia universidade Gregoriana.

Obteve o doutorado em teologia sagrada com a tese «O dever do apostolado dos leigos», voltando em seguida à diocese como professor de disciplinas teológicas dos clérigos prefeitos nos seminários menores de Masnago e Seveso.

Transferido para o seminário maior de Venegono Inferiore, por mais de vinte anos ensinou moral fundamental e deu cursos sobre os sacramentos do matrimónio e da penitência. No mesmo período ensinou teologia pastoral em Milão, no Instituto sacerdotal Maria Imaculada e no Instituto regional lombardo de pastoral.

Deu cursos de moral também no seminário teológico dos combonianos em Venegono Superiore, no Instituto teológico florentino e no Pontifício Instituto das missões estrangeiras de Milão.

No seu ensinamento foi vasto o leque dos temas tratados, entre os quais sobressaem as questões de moral fundamental e de moral especial, com preferência pelo âmbito do matrimónio, da família, da sexualidade e da bioética. À intensa atividade académica uniu a participação em encontros, congressos, cursos de atualização teológico-pastoral para sacerdotes e leigos na Itália e no estrangeiro.

Tudo isto não o distraiu da atividade pastoral direta, que sempre apreciou, exercendo-a no serviço domínial nas paróquias e dedicando-se à pregação, à condução de retiros e de exercícios espirituais, à direção espiritual, sobretudo para as famílias e as pessoas consagradas. Além disso, não podem ser esquecidas a sua presença e ação na Confederação italiana dos consultores familiares de inspiração cristã, da qual foi mem-

bro eclesialístico de 1979 a 1989; na Obra para a assistência religiosa aos enfermos, como responsável pela atividade cultural e depois presidente; na Associação dos médicos católicos italianos, setor de Milão, como assistente eclesialístico por cerca de vinte anos.

A 11 de setembro de 1987, a Congregação para a educação católica, sob designação do episcopado lombardo, chamou-o a dirigir o Pontifício seminário lombardo. No dia 28 de abril de 1989, a Cei designou-o presidente do conselho de administração do jornal «Avvenire».

No dia 1 de julho de 1989 foi nomeado arcebispo metropolitano de Ancona-Osimo. Recebeu a ordenação episcopal na catedral de Milão das mãos do cardeal Carlo Maria Martini a 23 de setembro sucessivo, e a 1 de outubro deu início ao governo pastoral da diocese, onde permaneceu cerca de um ano e meio.

Naquele período, além de desempenhar o cargo de presidente da Conferência episcopal da região das Marcas, em junho de 1990 foi eleito presidente da Comissão da Cei para a família.

Tornou-se secretário-geral da Cei a 14 de março de 1991 e no dia 6 de abril do mesmo ano renunciou ao governo pastoral de Ancona-Osimo para se pôr ao serviço da Igreja italiana a tempo integral. Depois de quatro anos de intenso trabalho, no



Com as crianças do campo de ciganos na via Triboniano em Milão, a 23 de dezembro de 2010

dia 20 de abril de 1995 foi nomeado arcebispo metropolitano de Génova, cujo governo pastoral começou a 18 de junho, desempenhando também o cargo de presidente da Conferência episcopal regional.

A 25 de maio de 1995 foi nomeado vice-presidente da Cei. Em janeiro de 1998, o conselho permanente designou-o assistente eclesialístico nacional da Associação dos médicos católicos italianos. Participou como perito com nomeação pontifícia no Sínodo dos bispos sobre a família (1980) e sobre os leigos (1987) e, como padre sinodal, na Assembleia especial para a Europa (1991) e no Sínodo sobre a vida consagrada (1994). Desempenhou também mui-

tos cargos junto da Santa Sé: consultor da Congregação para a doutrina da fé, do Pontifício Conselho para a família, da Pontifícia Comissão da pastoral para os agentes no campo da saúde e membro dos Pontifícios Conselhos para a pastoral no campo da saúde e para as comunicações sociais.

No consistório de 21 de fevereiro de 1998 João Paulo II criou-o cardeal do título dos Santos Ambrósio e Carlos.

A 11 de julho de 2002 foi transferido para Milão, sucessor do cardeal Carlo Maria Martini. No primeiro discurso à cidade (8 de setembro de 2002) falou sobre a necessidade de cultivar «uma consciência capaz de obedecer à Verdade». A 29 de setembro de 2002, assumiu o governo pastoral da diocese. Tendo como exemplo Santo Ambrósio, gostava de repetir: «É preciso buscar sempre coisas novas e conservar as que nos foram transmitidas do passado».

A 28 de junho de 2011 renunciou ao governo pastoral de Milão, mas continuou presente na vida da arquidiocese, a oferecer o seu contributo para o serviço da Igreja. Neste espírito, de julho de 2012 a julho de 2013 desempenhou o cargo de administrador apostólico da diocese de Vigevano. No mês de setembro de 2015 participou numa sessão de trabalho do Conselho de cardeais – instituído em 2013 para a reforma da Cúria romana – apresentando, a pedido do Papa, um aprofundamento sobre a possível realização do novo dicastério para os leigos, a família e a vida. Participou em seguida como membro de nomeação pontifícia, na XIV Assembleia geral ordinária do Sínodo dos bispos sobre a vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo. Tomou parte nos conclaves de 2005 e 2013, que elegeram Bento XVI e Francisco, com o qual teve um encontro cordial na catedral durante a visita que o Pontífice realizou a Milão no passado dia 25 de março.

Pesar do Pontífice

Ao tomar conhecimento do falecimento do cardeal Dionigi Tettamanzi, arcebispo emérito de Milão, Francisco enviou o seguinte telegrama de pésames ao cardeal Angelo Scola, administrador apostólico da arquidiocese ambrosiana, e a D. Mario Delpini, arcebispo eleito.

Ao receber a notícia do falecimento do querido Cardeal Dionigi Tettamanzi, desejo exprimir as minhas condolências aos familiares e a essa comunidade diocesana, que o inclui entre os seus filhos mais ilustres e entre os seus pastores mais amáveis e amados. Penso com afeto e recorde com gratidão a intensa obra cultural e pastoral prodigalizada por este benemérito irmão que na sua existência fecunda testemunhou o Evangelho com alegria e serviu docilmente a Igreja, primeiro como presbítero na Arquidiocese de Milão, depois como Bispo em Ancona-Osimo, Secretário da Conferência Episcopal Italiana, Arcebispo de Génova, em seguida Arcebispo da diletta Igreja ambrosiana, por fim administrador apostólico de Vigevano. Distinguiu-se sempre como pastor solícito, totalmente dedicado às necessidades e ao bem dos sacerdotes e de todos os fiéis, com peculiar atenção aos temas da família, do matrimónio e da bioética, nos quais era perito de maneira particular. Elevo a minha oração ao Senhor a fim de que, por intercessão da Bem-Aventurada Virgem Maria, que ele tanto amou, receba este seu servo fiel na alegria e na paz eterna, e de coração concedo a Bênção Apostólica a quantos choram a sua partida, com um pensamento especial por quantos o assistiram carinhosamente nestes últimos tempos de enfermidade.

INFORMAÇÕES

Renúncias

O Santo Padre aceitou a renúncia:

No dia 3 de agosto

De D. Virgilio Domingo Bressanelli, ao governo pastoral da Diocese de Neuquén (Argentina).

No dia 5 de agosto

De D. Jean-Noël Diouf, ao governo pastoral da Diocese de Tambacounda (Senegal).

No dia 9 de agosto

De D. Valentine Tsamma Seane, ao governo pastoral da Diocese de Gaborone (Botswana).

Nomeações

O Sumo Pontífice nomeou:

A 3 de agosto

Bispo de Neuquén (Argentina), D. Fernando Martín Croxatto, até esta data Auxiliar da Diocese de Comodoro Rivadavia.

A 4 de agosto

Bispo de Melfi-Rapolla-Venosa (Itália), o Rev.^{mo} Mons. Ciro Fanelli, do clero da Diocese de Lucera-Troia, até hoje Vigário-Geral da mesma Sede e Pároco da Catedral.

D. Ciro Fanelli nasceu a 2 de outubro de 1964, em Lucera (Itália). Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 15 de setembro de 1990.

A 5 de agosto

Membros do Conselho Diretivo da Pontifícia Academia para a Vida: D. Alberto Germán Bochaty, Bispo Auxiliar de La Plata, Professor de Bioética e Vice-Chanceler da Universidade Católica de La Plata (Argentina); Monsenhor Carlos Simón Vázquez, Delegado para a Secção Família e Vida do Dicasterio para os Leigos, a Família e a Vida; Professor Adriano Pessina, Docente de Filosofia Moral e Diretor do Centro do Ateneu de Bioética da Universidade Católica do Sagrado Coração em Milão (Itália); Doutora Mónica López Barahona, Diretora Académica Geral do «Biosciences Studies Centre», Presidente da Delegação espanhola da Fundação «Jérôme Lejeune», Diretora da Cátedra de Bioética «Jérôme Lejeune», Madrid (Espanha); e Professora Etsuko Akiba, Docente de Direito na Faculdade de Economia da Universidade de Toyama (Japão).

Administrador Apostólico *sede vacante et ad nutum Sanctae Sedis* de Tambacounda (Senegal), D. Jean-Pierre Bassène, atualmente Bispo de Kolda.

Bispo de Saint Mary Queen of Peace dos Sírio-Malancares nos Estados Unidos e Canadá, D. Philipose Mar Stephanos Thottathil, até agora Auxiliar de Tiruvalla (Índia).

Visitador Apostólico para os fiéis sírio-malancares residentes na Europa e na Oceânia, D. John Kochuthundil, atualmente Bispo da Cúria Arquiepiscopal-Mor da Igreja Sírio-

Malancar e Bispo Titular de Thurburbo Maius.

A 8 de agosto

Auxiliar da Arquieparquia de Filadélfia dos Ucrânicos (EUA), o Rev.^{do} Pe. Andriy Rabyi, até esta data Proto-Sincelo da mesma Sede, simultaneamente eleito Bispo Titular de Germaniciana.

D. Andriy Rabyi nasceu em Lviv (Ucrânia), no dia 1 de outubro de 1975. Foi ordenado Sacerdote a 19 de dezembro de 2001.

A 9 de agosto

Bispo Eparquial de Saint Peter Apostle of San Diego dos Caldeus (EUA), D. Emanuel Hana Shalita, transferindo-o da Eparquia de Mar Addai of Toronto dos Caldeus (Canadá).

Administrador Apostólico *sede vacante* da Eparquia de Mar Addai of Toronto dos Caldeus (Canadá), D. Francis Kalabat, até hoje Bispo Eparquial de Saint Thomas the Apostle of Detroit dos Caldeus (EUA).

Administrador Apostólico *sede vacante et ad nutum Sanctae Sedis* da Diocese de Gaborone (Botswana),

D. Frank Nubuasah, S.V.D., atualmente Vigário Apostólico de Francistown.

Prelados falecidos

Adormeceram no Senhor:

No dia 3 de agosto

D. Giovanni Benedetti, Bispo Emérito de Foligno (Itália).

O venerando Prelado nasceu em Spello (Itália), no dia 12 de março de 1917. Foi ordenado Sacerdote a 26 de maio de 1940. Recebeu a Ordenação episcopal em 23 de janeiro de 1975.

No dia 4 de agosto

D. Raffaele Calabro, Bispo Emérito de Andria (Itália).

O ilustre Prelado nasceu no dia 10 de julho de 1940, em Minervino di Lecce (Itália). Recebeu a Ordenação sacerdotal a 15 de março de 1964. Foi ordenado Bispo em 6 de janeiro de 1989.

Igrejas Católicas Orientais

O Sínodo dos Bispos da Igreja Arquiepiscopal-Mor Sírio-Malancar,

depois de ter consultado a Sé Apostólica e recebido o prévio consentimento pontifício para os candidatos ao episcopado, tomou as seguintes providências:

– ereção da nova Eparquia de Parasala e eleição do primeiro Bispo, D. Thomas Mar Eusebios Naickamparambil, transferido da Sede eparquial de Saint Mary Queen of Peace dos fiéis sírio-malancares nos Estados Unidos e Canadá;

– eleição do Bispo de Puthur, o Rev.^{mo} Mons. George Kalayil, até esta data Proto-Sincelo da mesma Eparquia;

D. George Kalayil nasceu a 16 de julho de 1958, em Renjalady (Índia). Foi ordenado Sacerdote no dia 1 de maio de 1986.

– eleição do Bispo da Cúria Arquiepiscopal-Mor, o Rev.^{mo} Mons. John Kochuthundil, simultaneamente eleito Bispo Titular de Thurburbo Maius.

D. John Kochuthundil nasceu em Puthusseribhagon (Índia), no dia 8 de abril de 1959. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 22 de dezembro de 1985.

Carta aos chefes dos povos beligerantes escrita por Bento xv

Uma nova teologia da paz

GUALTIERO BASSETTI

Há cem anos surgiu um novo modo de compreender a paz no cenário público do mundo contemporâneo. E poucas afirmações tiradas de documentos pontifícios tiveram uma influência histórica tão grande como aquela escrita por Bento xv no dia 1º de agosto de 1917 quando, três anos depois do início da primeira guerra mundial, exortou os «chefes dos povos beligerantes» a acabar com um conflito sangüinolento que, «cada vez mais», se parecia com «um massacre inútil». Ainda hoje, à distância de cem anos, aquelas palavras ressoam não apenas no debate público, mas também na profunda consciência de cada pessoa, como uma admoestação de grande importância moral e política.

Naquela carta, que evocava o «suicídio» da Europa onde «uma loucura universal» produzia uma carnificina horrível, o Papa pedia de modo extremamente claro uma «paz justa e duradoura» que pudesse consolidar-se graças aos mais importantes instrumentos diplomáticos dessa época: o pedido de uma arbitragem internacional, a restituição recíproca de alguns territórios e a urgente necessidade do desarmamento. Efetivamente, Bento xv pedia que se submetesse a «força material das armas» à «força moral do direito».

Como se sabe, aquelas palavras não mudaram o curso do conflito mundial. No entanto, revelar-se-iam proféticas pelo menos por dois motivos. Em primeiro lugar, pelo juízo profundamente duro sobre a guerra. Com efeito, os conflitos modernos caracterizar-se-iam cada vez mais como guerras totais, que não só teriam envolvido os exércitos, mas também as populações civis, produzindo realmente um único resultado significativo: a morte de milhões de pessoas inocentes. A partir daquele momento, a evocação de «um massacre inútil» tornou-se uma espécie de grito de dor diante da guerra moderna e de todos os tipos de cruel morte em massa, provocada pela modernidade niilista. E não foi por acaso que o Papa Francisco a evocou por ocasião do G20, para denunciar os massacres inúteis de migrantes no Mediterrâneo.

Em segundo lugar, aquelas palavras marcaram o início da elaboração de uma nova teologia da paz. Uma

novidade que enriqueceu tanto o magistério da Igreja, como a cultura do mundo ocidental, perfilando um desafio que, no início de Novecentos, parecia quase impossível vencer. Contrariamente, aquelas palavras abriram o caminho para uma renovada primavera da paz.

Antes de tudo com uma encíclica de Bento xv, de 1920, hoje quase esquecida, *Pacem Dei munus pulcherrimum*, em que o Papa reiterou com vigor que a «mensagem do cristianismo» constitui um «Evangelho de paz». Depois, com uma série de reflexões sucessivas, que teriam levado à *Pacem in terris* de João XXIII, em 1963 – autêntico marco milário desta nova teologia da paz – às declarações do Concílio Vaticano II e às numerosas afirmações dos Papas que se sucederam na Cátedra de Pedro, até aos dias de hoje.

Uma renovada teologia da paz – é bom esclarecê-lo – que não se fundamenta em vagos propósitos ideais, mas em inquestionáveis princípios evangélicos: a justiça, a caridade e a dignidade intangível da pessoa humana.

Nunca como hoje, esta teologia da paz deve ser defendida com todas as nossas forças. Protegida daqueles que, de modo vil e mesquinho, perpetram atos terroristas brutais contra a humanidade inocente. Tutelada de quantos provocam as guerras por uma vontade de poder e conquista, por interesses financeiros. E apoiada também juntamente com aqueles que, no debate público, desprezam a paz como uma ideia conformista, fruto de um pensamento fraco e em nome de um inevitável embate de civilizações.

É necessário dizê-lo com clareza: procurar a paz não é o produto de uma civilização decadente com uma identidade frágil. É verdade exatamente o oposto: buscar a paz é uma prática heroica, que requer um compromisso enorme, incessante e diário, e exige uma força diferente da militar: trata-se do vigor da fé e do diálogo; e, como escrevia Bento xv, da «força moral do direito».

Por conseguinte, este é o momento de defender o compromisso a favor da paz com coragem, determinação e mansidão, procurando atribuir-lhe também novos significados e uma linguagem renovada. Com um único e grande objetivo: superar todos os massacres inúteis do mundo atual.

Na audiência geral de quarta-feira o Papa Francisco falou sobre o perdão

Somos todos pecadores carentes de misericórdia

E fez um apelo contra a violência na Nigéria e na República Centro-Africana

«A Igreja é um povo de pecadores que experimentam a misericórdia de Deus», frisou o Papa Francisco durante a audiência geral de quarta-feira 9 de agosto, falando na sala Paulo VI sobre o perdão divino como motor de esperança. A seguir, a reflexão do Sumo Pontífice.

Bom dia, prezados irmãos e irmãs!

Ouvimos a reação dos comensais de Simão, o fariseu: «Quem é este homem que até perdoa os pecados?» (Lc 7, 49). Jesus acabou de fazer um gesto escandaloso. Uma mulher da cidade, que todos conheciam como uma pecadora, entrou na casa de Simão, inclinou-se aos pés de Jesus e derramou sobre os seus pés o óleo perfumado. Todos aqueles que estavam ali à mesa murmuravam: se Jesus é um profeta, não deveria aceitar gestos deste tipo de uma mulher como aquela. Estas mulheres, desventuradas, que só serviam para ser encontradas às escondidas, inclusive pelos chefes, ou para ser lapidadas. Segundo a mentalidade dessa época, entre o santo e o pecador, entre o puro e o impuro, a separação devia ser clara.

Mas a atitude de Jesus é diferente. Desde o início do seu ministério na Galileia, Ele aproxima-se dos leprosos, dos endemoninhados, de todos os doentes e dos marginalizados. Um comportamento deste tipo não era nada habitual, a ponto que esta simpatia de Jesus pelos excluídos, pelos “intocáveis”, será uma das atitudes que mais desconcertarão os seus contemporâneos. Onde há uma pessoa que sofre, Jesus cuida dela e aquele sofrimento torna-se seu. Jesus não apregoa que a condição de pena deve ser suportada com heroísmo, à maneira dos filósofos estoicos. Jesus compartilha a dor humana, e quando se depara com ela, do seu íntimo irrompe aquela atitude que caracteriza o cristianismo: a misericórdia. Diante da dor humana, Jesus sente misericórdia; o coração de Jesus é misericordioso. Jesus experimenta compaixão. Literalmente: Jesus sente tremer as suas entranhas. Quantas vezes nos Evangelhos encontramos reações deste género. O coração de Cristo encarna e revela o coração de Deus, e onde há um homem ou uma mulher que sofre, Ele quer a sua cura, a sua libertação, a sua vida plena.

É por isso que Jesus abre de par em par os braços aos pecadores. Quanta gente perdura ainda hoje numa vida errada, porque não encontra ninguém disposto a olhar para ele ou para ela de modo diverso, com os olhos, melhor, com o coração de Deus, ou seja, olhar para eles com esperança. Jesus, ao contrário, vê uma possibilidade de ressurreição até em quantos acumularam muitas escolhas equivocadas. Jesus está sempre ali, com o coração aberto; escancara aquela misericórdia que tem no coração; perdoa, abraça, compreende, aproxima-se: Jesus é assim!

Às vezes esquecemos que para Jesus não se tratou de um amor fácil, barato. Os Evangelhos frisam as primeiras reações negativas em relação a Jesus, precisamente quando Ele perdoa os pecados de um homem (cf. Mc 2, 1-12). Era um homem que sofria duplamente: porque não podia caminhar e porque se sentia “errado”. E Jesus entende que a segunda dor é maior do que a primeira, a ponto que o recebe imediatamente com um anúncio de libertação: «Filho, os teus pecados te são perdoados!» (v. 5). Liberta-o daquela sensação de opressão de se sentir errado. Então, alguns escribas — aqueles que se julgavam perfeitos: penso em tantos católicos que se consideram perfeitos e desprezam os outros... isto é triste... — alguns escribas ali presentes escandalizam-se com aquelas pala-

bras de Jesus, que soam como uma blasfémia, porque somente Deus pode perdoar os pecados.

Nós que estamos habituados a experimentar o perdão dos pecados, talvez “a um preço muito baixo”, deveríamos recordar-nos de vez em quando de quanto custamos ao amor de Deus. Cada um de nós custou bastante: a vida de Jesus! Ele tê-la-ia dado até por um só de nós. Jesus não vai para a cruz porque cura os enfermos, porque prega a caridade, porque proclama as bem-aventuranças. O Filho de Deus vai para a cruz sobretudo porque perdoa os pecados, porque quer a libertação total e definitiva do coração do homem. Porque não aceita que o ser humano consuma toda a sua existência com esta “tatuagem” indelével, com o pensamento de não poder ser recebido pelo coração misericordioso de Deus. E com estes sentimentos Jesus vai ao encontro dos pecadores, que somos todos nós.

Deus confia a missão mais bonita do mundo, ou seja, o amor aos irmãos e às irmãs, e o anúncio de uma misericórdia que Ele não nega a ninguém. E esta é a nossa esperança. Vamos em frente com esta confiança no perdão, no amor misericordioso de Jesus.

Um apelo a fim de que «cessem todas as formas de ódio e de violência» contra os cristãos na Nigéria e na República Centro-Africana foi lançado pelo Papa Francisco, no momento de saudar os fiéis presentes. Eis algumas das suas expressões no final da audiência geral.

Dirijo uma cordial saudação aos peregrinos de língua portuguesa, convidando todos a permanecer fiéis a Cristo Jesus. Ele desafia-nos a sair do nosso mundo limitado e estreito para o Reino de Deus e a verdadeira liberdade. O Espírito Santo vos ilumine para poderdes levar a



Andrea Marie Brueck, «O jardim do perdão de Deus» (2010)

Assim os pecadores são perdoados. Não só tranquilizados a nível psicológico, porque libertados do sentido de culpa. Jesus faz muito mais: oferece às pessoas que erraram, a *esperança de uma vida nova*. “Mas Senhor, eu sou um miserável” — “Olha para a frente e Eu dou-te um coração novo”. Esta é a esperança que Jesus nos oferece. Uma vida marcada pelo amor. Mateus, o publicano, torna-se apóstolo de Cristo: Mateus, que é um traidor da pátria, um explorador do povo. Zaquie, rico corrupto — ele certamente tinha um diploma em suborno — de Jericó, transforma-se num benfeitor dos pobres. A mulher da Samaria, que teve cinco maridos e agora convive com outro, ouve a promessa da “água viva” que poderá jorrar para sempre dentro dela (cf. Jo 4, 14). Deste modo Jesus muda o coração; faz assim com todos nós.

É bom pensar que Deus não escolheu como primeira massa, para formar a sua Igreja, pessoas que nunca erravam. A Igreja é um povo de pecadores que experimentam a misericórdia e o perdão de Deus. Pedro entendeu mais verdades sobre si mesmo ao canto do galo, do que dos seus impulsos de generosidade, que lhe enchiam o peito, levando-o a sentir-se superior em relação aos outros.

Irmãos e irmãs, todos nós somos pobres pecadores, necessitados da misericórdia de Deus, que tem a força de nos transformar e restituir esperança, e isto todos os dias. E fá-lo! E às

Bênção de Deus a todos os homens. A Virgem Mãe vele sobre o vosso caminho e vos proteja.

Fiquei profundamente amargurado com o massacre ocorrido no domingo passado na Nigéria, dentro de uma igreja, onde foram mortas pessoas inocentes. E infelizmente hoje de manhã chegou a notícia de violências homicidas contra as comunidades cristãs na República Centro-Africana. Faço votos a fim de que cessem todas as formas de ódio e de violência, e que não se voltem a repetir crimes tão vergonhosos, perpetrados em lugares de culto, onde os fiéis se congregam para rezar. Pensemos nos nossos irmãos e irmãs da Nigéria e da República Centro-Africana. Oremos por eles, todos juntos: Ave Maria...

Enfim, dirijo o meu cordial pensamento aos jovens, aos doentes e aos recém-casados, vindos a Roma neste período. Caros jovens, desejo que o encontro com tantos lugares repletos de cultura, arte e fé seja ocasião propícia para conhecer e imitar o exemplo que nos foi deixado por numerosas testemunhas do Evangelho que viveram aqui, como São Lourenço, cuja festa se celebra amanhã. Diletos doentes, encorajo-vos a unir-vos constantemente a Jesus sofredor, carregando com fé a cruz para a redenção do mundo. Amados recém-casados, faço votos por que construais a vossa nova família sobre o fundamento sólido da fidelidade ao Evangelho do Amor.